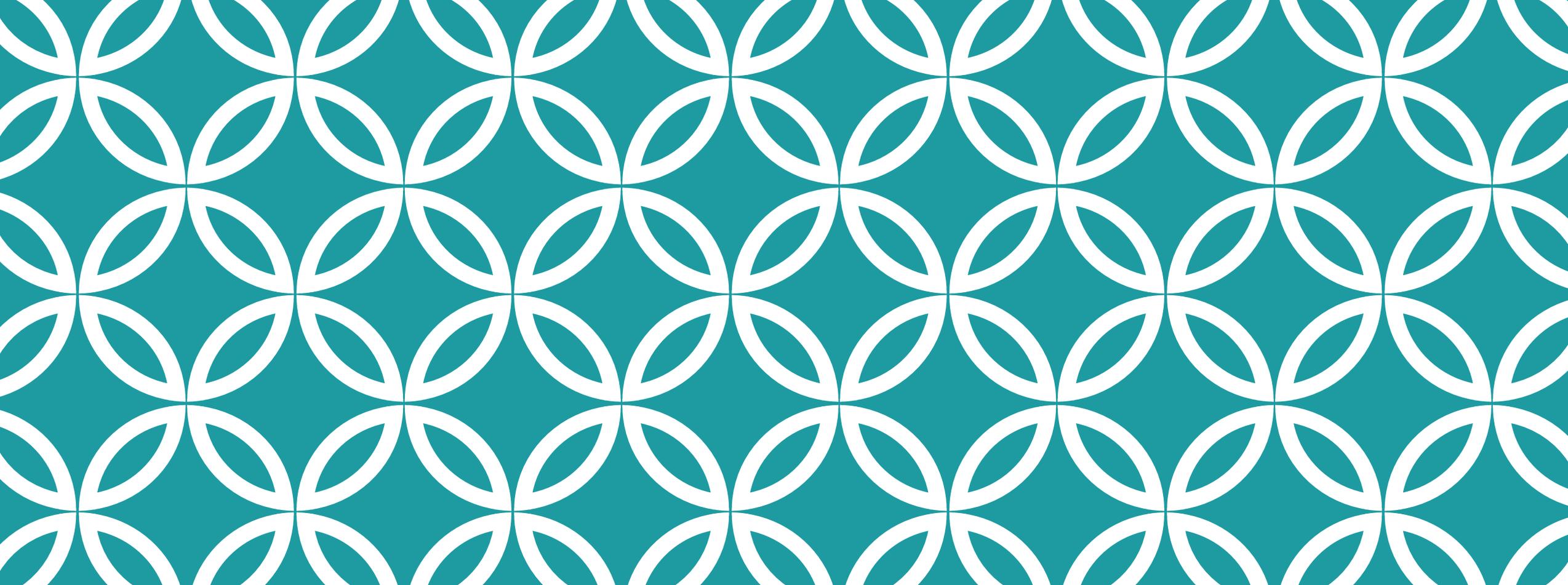




NOVAS PROPOSTAS E NOVAS POÉTICAS ENTRE SABERES NAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Profª. Dra. Fabiana Buitor Carelli
Concurso de Livre-Docência
FFLCH-USP
Prova Didática – 11/10/2019



1. POÉTICA(S) |

Sociedade dos Poetas Mortos

(Peter Weir, 1989, drama, 2h20, cor)



“UNDERSTANDING POETRY”, Dr. J. Evans Prichard, Ph.D.

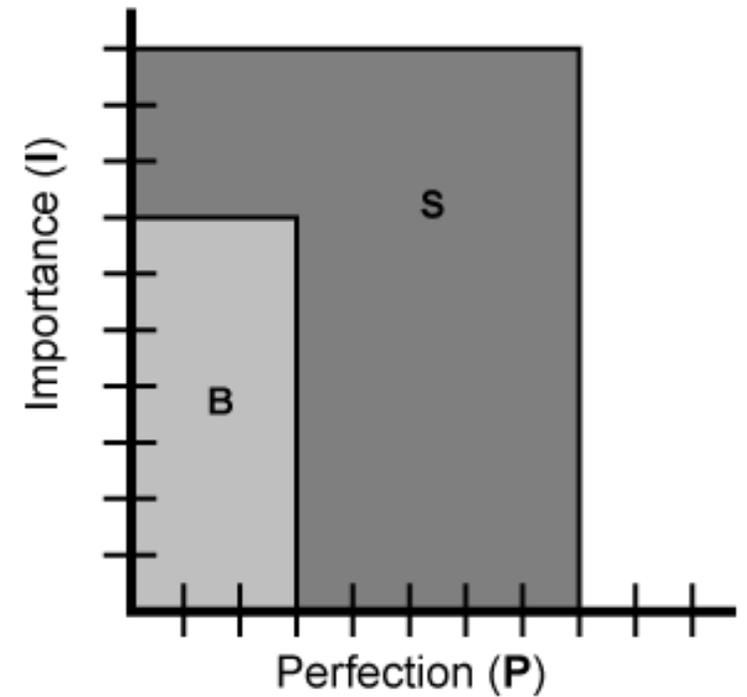
“Para entender completamente a poesia, precisamos primeiro ser fluentes em seu metro, rima e figuras de linguagem, e depois fazer duas perguntas:

- 1) Quão artisticamente o objetivo do poema foi traduzido; e
- 2) Quão importante é esse objetivo?

A pergunta 1 classifica a perfeição do poema; a questão 2 classifica sua importância. E uma vez que essas perguntas tenham sido respondidas, determinar a grandeza do poema se torna uma questão relativamente simples.

Se a pontuação de perfeição do poema é plotada na horizontal de um gráfico e sua importância é plotada na vertical, o cálculo da área total do poema produz a medida de sua grandeza.”

“Um soneto de Byron pode ter uma pontuação alta na vertical, mas apenas média na horizontal. Um soneto shakespeariano, por outro lado, teria uma pontuação alta tanto na horizontal quanto na vertical, produzindo uma área total maciça, revelando assim o poema como realmente ótimo. Ao prosseguir na poesia deste livro, pratique esse método de classificação. À medida que a sua capacidade de avaliar poemas sobre esse assunto cresce, o mesmo acontece com o seu prazer e compreensão da poesia.”



I = How artfully has the objective of the poem been rendered?

P = How important is that objective?

B = Byron

S = Shakespeare

Shakespeare = Great

Byron = Not so much

NICOLAS BOILEAU-DESPRÉAUX, FRANÇA
A arte poética, 1674

“No Parnaso, um poeta temerário pensa em vão atingir as alturas da arte dos versos; se não sentir a influência secreta dos Céus, se sua estrela não o formou poeta por ocasião do seu nascimento, estará sempre atado a sua estreita disposição natural: para ele, Febo é surdo; e Pégaso é indócil.

O senhor, pois, que consumindo-se num ardor perigoso, se lança na espinhosa carreira da poesia, não se gaste em versos sem fruto, nem tome por gênio um simples versificador.”

MATTHEW ARNOLD, UK, ERA VITORIANA
“The function of criticism at the present time”, 1865

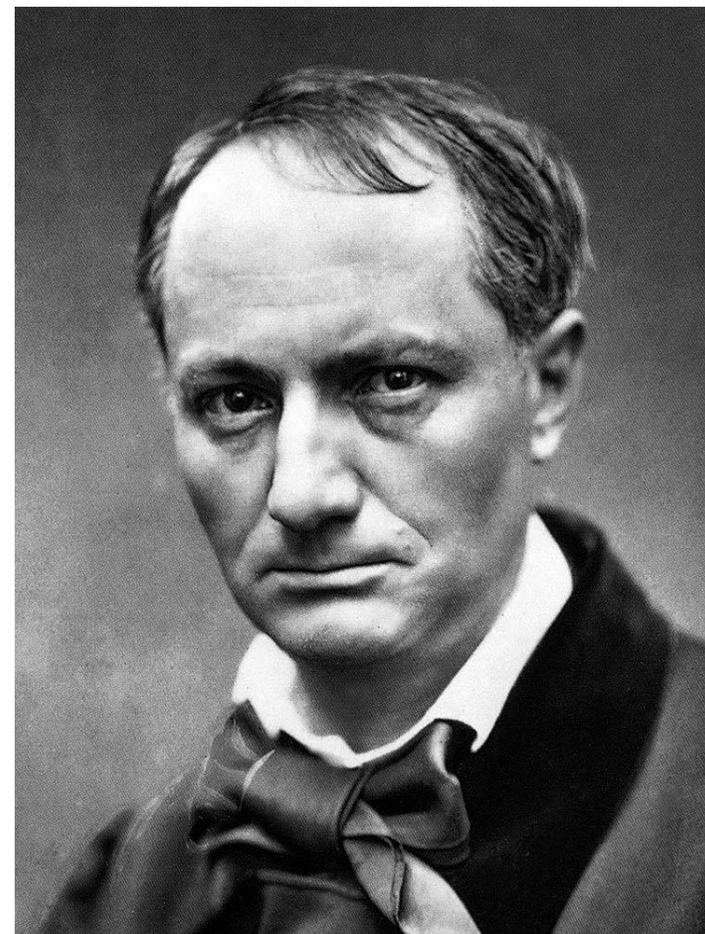
“A vida e o mundo sendo, nos tempos modernos, coisas muito complexas, a criação de um poeta moderno, para valer muito, implica um grande esforço crítico por trás; caso contrário, deve ser um caso relativamente pobre, árido e de curta duração. É por isso que a poesia de Byron tinha tão pouca resistência, e a de Goethe muita. Byron e Goethe tinham um grande poder produtivo, mas o de Goethe foi nutrido por um grande esforço crítico, fornecendo a ele materiais verdadeiros; o de Byron não.”

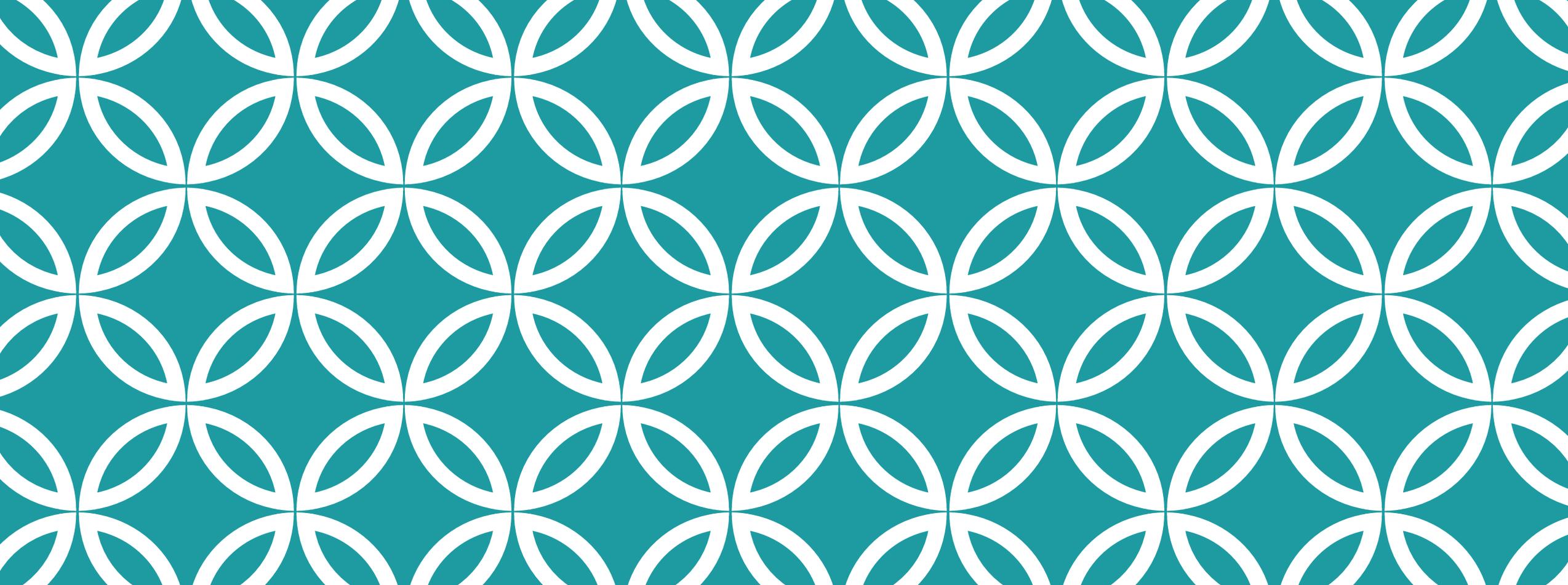
Charles Baudelaire, “L’albatros” (*Les fleurs du mal*, 1857)

O Albatroz (fragmento)

O Poeta é igual ao rei do
firmamento
Que ri da tempestade e das
flechas no ar;
Exilado no chão, cercado de
tormento,
As asas de gigante não o deixam
andar

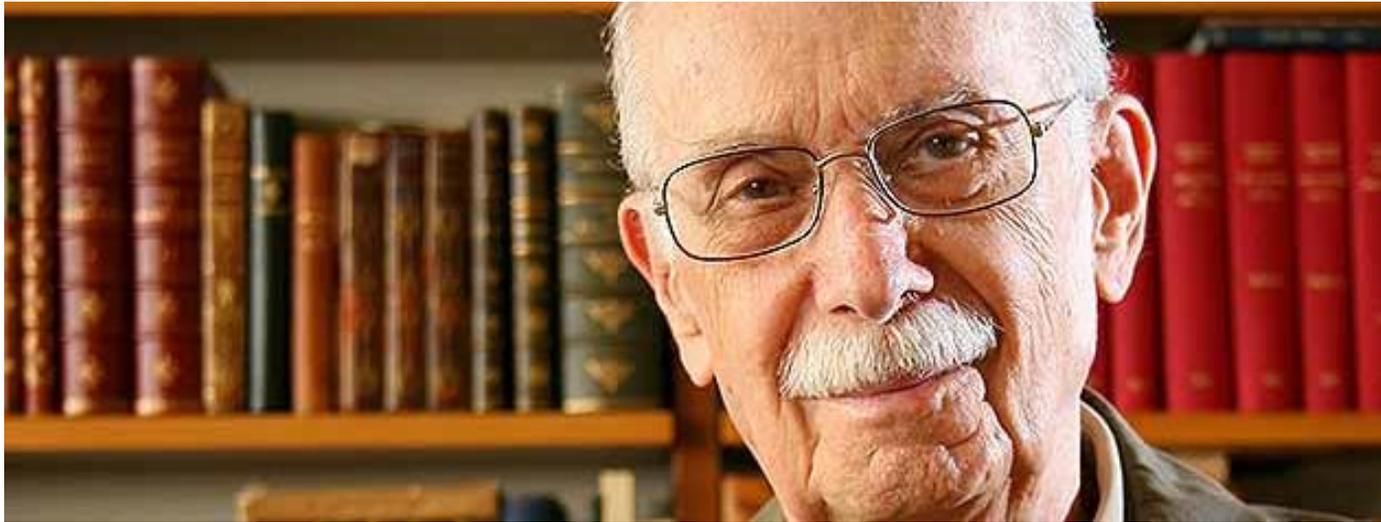
(trad. de Jorge Pontual)





A LINGUAGEM DA POESIA





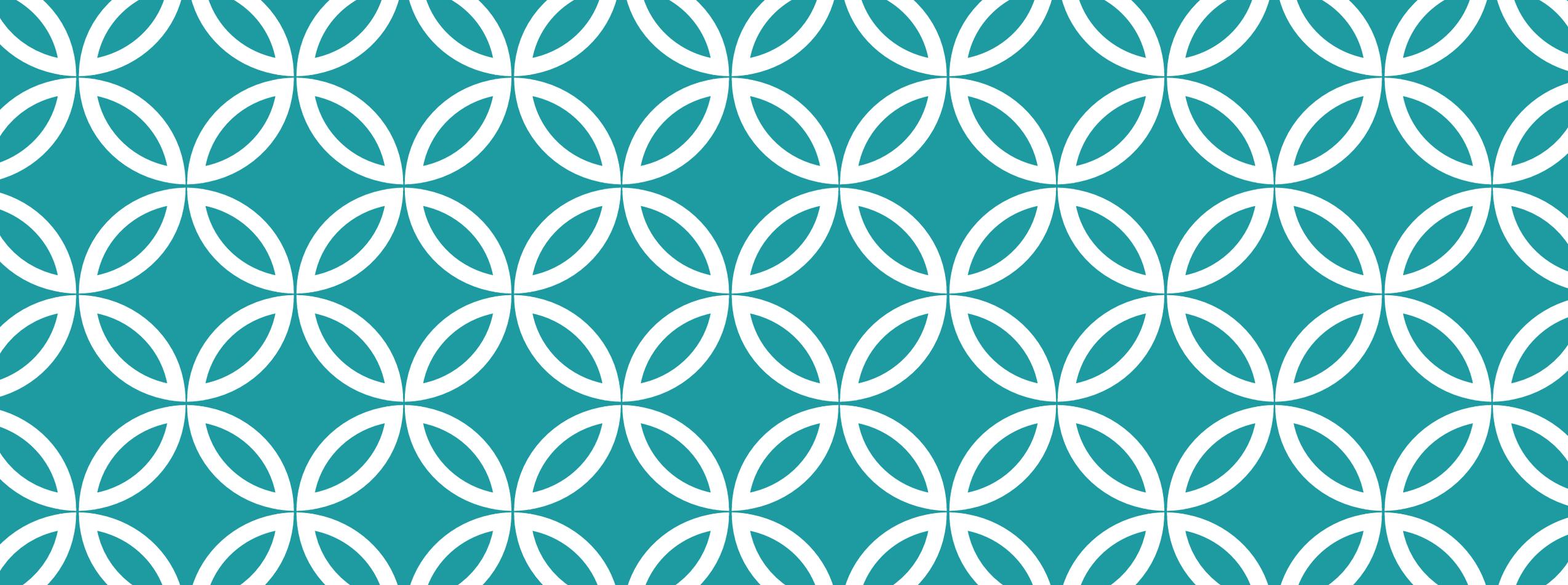
- Antonio Candido: poesia como *forma* (viva)
“o externo [...] importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.”
(Literatura e sociedade)
- Alfredo Bosi: poesia como *ruptura, resistência, presença*
(imagem, som, corpo, performance)

- Heidegger (tardio, pós-Kehre): coloca a poesia no centro de sua ontologia fundamental → poesia como *tocar no ínfimo da realidade* (Rodrigo Araújo)

*“É a poesia que permite ao homem habitar a sua
essência”*

(Ensaios e conferências)





UMA POÉTICA DA EXISTÊNCIA |



Áudio Sr. C. - tempo 3'50''

Diagnóstico: LNH – Linfoma não-Hodkins das
células do manto – setembro/2018

"Meus queridos, amados filhos, Fernando Henrique, Fábio, uma boa tarde.

Negócio é o seguinte: hoje eu fiz um exame feroz. Puta que o pariu [riso] ←

O segundo exame que eu fiz, rapaz. ←

Na medula, medula óssea. ←

Pô, biópsia. Pô: enfia, tira um pedaço do osso, fa... tira, porra, fogo... ←

Mas dá anestesia nas costas, na medula, né? ←

[silêncio]

Mas o... é o segundo que eu fiz ←

O primeiro foi feito com... com outro médico, mas e... médico, ele... ←

ele não é especialista, mas esse médico aí foi mais legal, entendeu? ←

Sempre dói, né? Na medula... ←

Tira o líquido do, do... do osso... ←

- Não é? -

Do osso da medula ←

Pra avaliar, né?

[pausa]

Legenda:

-  Estrutura epistolar
-  Elementos narrativos
-  Figuras de linguagem:
(metáforas, metonímias)
-  Calão, gírias
-  Hesitações, rupturas,
pausas
- ← Repetições,
paralelismos

e... tira o líquido... ←

tira um pedaço do... do osso, né? ←

[pausa]

...e...

[pausa]

Mas deu pra aguentar

Deu anestesia, tal...

Esse é o pior dos exames

Eu tinha perguntado antes pro médico, né?, se...

ia ter que repetir, diz que não, não sei o quê

não, mas não teve jeito não, teve que...

teve que fazer novamente

entendeu?, mas esse médico, aí... médico legal pra caramba.

Esse é o... to no Dr... é... Dr. Luís Antônio

Esse médico só faz isso

Diferente do primeiro, o primeiro foi ←

Foi bruto pra cacete, pô...

Não, esse aí já foi... não deixou de doer mas já foi... ←

O cara já é mais, ce sente que o cara é... ←

é bom, entendeu?,

até na maneira de... tratar você, tal... ←

Mas já... ainda bem, to... to livre, entendeu?, desse exame aí que é...

esse é bravo, é bravo.

O Rogério é que deve ter feito.

Não, deve, ele fez, não sei se ele fez uma ou duas vezes

E agora vai... depois vou fazer o PET, né?...

[suspiro] Hram...

E ta... ta indo, né?

E...

Tava com um medo desgramado

[pausa]

Fui lá, mas... sabe que aquele médico

que trata você bem pra... a enfermeira, tal...



Muito obrigada!